



Camões

## I

Os derradeiros lampejos da heroicidade portugueza estavam prestes a sumirem-se nas plagas adustas da Lybia. O gigante que havia hasteado a bandeira de Christo por todas as paragens do mundo; aquelle missionario de fé viva e animo robusto, que abriu, com mão ousada, as portas do oriente, e devassou os eleusiacos mysterios de civilisações ignotas e legendarias, de religiões seculares, de tradições genesiacas, cujas origens se confundem com as da mesma humanidade; o berço occidental, onde se haviam embalado esses guerreiros da cruz, que depois espantaram a terra com os seus feitos e gentilezas; esta nesga minguada da peninsula iberica, cujos filhos arremetteram ousados com a braveza do oceano e lhe sulcaram as immensidões; toda essa obra, emfim, cujos alicerces eram o mundo, cujas pedras foram cimentadas pelo sangue dos fortes, cujas cupulas sustinham a gloriosa bandeira dos lusitanos, tremia abalada pela mão potente da fatalidade. Ouviam-se já os ruidos solurnos e sinistros, que aterroram os mais valentes. A immensa mole, que se denominava imperio portuguez, desconjunctava-se rapida, como sacudida por um demonio implacavel. A montanha cyclopica rangia nos intimos seios. Debalde o valor portuguez, sempre redivivo, espalhava em redor de cada paladino a soli-

dão e a morte, e lhe construia um baluarte de cadaveres. Debalde a tuba da fama espalhava, pelo mundo absorto, o hymno de guerra, o terrivel clangor, que soava aos ouvidos do inimigo como um concerto de morte e estrago. Debalde os preclaros descendentes dos heroes cravavam nos plainos o ferreo conto das lanças e bradavam: *Deus soccorre os fortes*.

Era tudo baldado. Acima do esforço humano e da heroicidade levada aos ultimos extremos, está a sabedoria eterna e harmonica da natureza.

Portugal, o anão que se tornou gigante, o gigante que venceu o Adamastor, o Adamastor que trocou a corôa de limos pelo nimbo christão; erguendo-se por sobre as ondas do mar, sustentando numa das mãos o facho do Evangelho, e na outra o gladio do archanjo, debalde apontou para os quatro pontos cardeaes do mundo, e disse ás gentes com voz solemne e grave, que retimbou em toda a terra: «irmãos, novos caminhos abri, novas sendas rasguei. Segui ousados o meu rastro, trilhae os meus vestigios. Caminhae pressurosos e ávidos á conquista dos thesouros, que a successão das edades depoz nestas plagas arredadas. Esparzi por toda parte a luz do Evangelho; lancae a semente da civilisação; exterminae o gentilismo e as velhas praticas; arrojae ao vento da destruição o pó inerte das priscas tradições, que abafa e esmaga esses milhões e milhões de cegos

que são nossos irmãos Eia. Vinde, correi á cruzada santa. A terra é a patria do homem.»

Proferidas estas palavras propheticas, Portugal caiu exangue e mal-ferido nos plainos de Alcacer Quibir.

Porque? Pois o titão, que projectára a sombra immensa do seu vulto pelos palmares da Asia, pelos desertos da Africa e florestas da America, assim podia acabar e morrer, atravessado pela setta do filho de Agar? Pois os velhos guerreiros, que resistiram ao terrivel embate da India, dobrariam assim o collo e ajoelhariam vencidos, perante as hordas de sarracenos?

Não. Portugal não morreu em Alcacer-Quibir; já tinha morrido na India, quando a fé viva e a inquebrantavel confiança no seu valor lhe começou a faltar.

Já então as chammas da inquisição requeimavam não só o corpo esqualido das victimas, senão a alma da nação, esse impeto tremendo e invencível com que Portugal derruiu obstaculos, venceu ciladas, domou elementos, esmagou resistencias, e circundou a terra com os seus braços infinitos.

Portugal abraçara a terra como o polypo immenso abraça o rochedo. Debalde as ondas redopiavam furibundas e se despenhavam em catadupas. O polypo era immudavel como o rochedo.

Um dia aplacou-se o mar. As ondas socegaram e dormiram sussurrantes. O polypo, enganado com aquella placidez traiçoeira, desatou um pouco os liames poderosos e deixou-se nadar á tona d'agoa.

De repente, embraveceu-se outra vez o oceano. As vagas empinaram-se furiosas, e o pobre polypo, já cançado de tanto lutar, foi arrojado á praia. Vieram logo as confrarias rezando as suas litanias e psalmodias, com os seus hossanas e cantos festivos. A roupeta podia campear á vontade, e herdar o magnifico espolio de parceria com a catholicissima Castella e o não menos catholico Philippe, de execranda memoria.

Começaram, pois, a queimal-o a fogo lento. O heroico polypo não se rendia ainda, e transformara-se em leão para concentrar as forças.

Já era tarde. A gangrena comia-lhe as entranhas. Manietado, algemado, mettido em jaula ignobil, lá o levaram á Africa, aonde morreu, vencido pelos verdadeiros leões do Atlas. O rugido do moribundo pareceu balido plangente de cordeiro imbelle, que não accordou um só ecco generoso nos peitos bellicosos. Portugal foi uma tença paga pela Inquisição ao seu valido de Castella.

## II

Do cyclo heroico, que começou em Sagres, e findou em Alcacer-Quibir, só quasi nos resta um monumento, um padrão, uma memoria.

Do coração alanceado da patria surgiu um poema — *Os Lusíadas*, consagração sublime e immortal dos altos feitos portuguezes, tributo rendido por um cavalleiro aos seus pares e ao seu paiz.

*Os Lusíadas*, assim como a *Illiada*, consubstanciam nos seus versos o viver e crer não só de um

povo, mas de uma época. Este o raro condão do verdadeiro genio, que por uma transfusão admiravel, assume e representa o sentir geral, e torna-se o labaro de uma nação, labaro sacrosanto sob cujas dobras se acolhem os opprimidos e as victimas, que clamam vingança.

Nisto está o segredo da innegavel popularidade de Camões.

O epico portuguez é a imagem eloquente e grandiosa daquelles seculos aventureiros, auspicio e ádito da civilisação moderna. Por isso todos se curvam respeitosos perante o grande vulto do poeta; por isso correm piedosos peregrinos de toda a parte a depór offrendas no altar e a enramar de grinaldas e festões a fronte esculptural do cantor das glorias patrias.

Camões é um dos braços da humanidade; é um desses nomes com que as gerações felizes e grandes atiram para a immortalidade, antes de repousarem no somno eterno.

Ha na historia épocas synchronicas, que são mysterios da harmonia eterna, que preside a todas as evoluções vitaes, assim na humanidade como na natureza.

Mudam os homens, mudam as paixões, muda o meio em que ellas se exercitam e desenvolvem, mudam os theatros e os actores, o scenario e os comparsas, e, comtudo, a tragedia é a mesma.

Quando á religião brahmanica succederam os cultos de bhouda, e a estes os ritos persas, chaldaicos e egypciacos, começou a idade heroica da Grecia, esse berço immortal da civilisação caucasica, que ainda hoje, pelo conjuncto de milhares de circumstancias, domina em todo o orbe.

Nesse inicio esplendido revelou-se logo o genio hellenico.

A Europa reagiu sobre a Asia, e o cerco de Troia foi o primeiro capitulo dessa epopéa formidavel, que conta Marathona, Salamina, as Thermopylas, Issus e Arbelles, e que, nos nossos dias, não acabou ainda.

A Grecia, povo humilde, cercado pelo mar, elevou-se ao fastigio da grandeza, dominou a Asia, abriu caminho a Roma.

E para que a sua gloria fosse immortal, nasceu Homero, esse pobre cego, bardo sublime, que levantou, com o cimento eterno da poesia, um monumento prodigioso, que se denomina *Illiada*.

No seculo XV da nossa era reatou Portugal a tradicção hellenica. Tomado da febre dos descobrimentos caminhou pelo oceano para o reino da aurora, e de tal arte floreu a espada invencível que, passados annos, fundou imperio colossal.

Nesses tempos heroicos partira de Portugal para a India um guerreiro que, na Africa, já havia provado a valentia. O que ia elle fazer além? Combater. Era o destino daquelles homens-titãos. Todos elles eram poetas. As estrophes gravavam-nas com a ponta da espada nas bronzeas portas dos pagodes. Este guerreiro combateu ao lado dos mais valentes, e o seu braço jámais fraquejou. Com elles andou lá pelos palmares, e viveu uma vida cheia de aventuras e casos fortuitos. Assistiu áquel-

les combates homericos, compenetrou-se da grandeza e heroicidade da patria, sentiu que os seus pares eram de uma craveira superior. Todas as paixões e grandiosidades dos portuguezes accor-daram-lhe sympathicos eccos no coração. Os epis-odios da grande epopéa, que os portuguezes es-tavam esculpindo nos marmores da historia, não desmereciam do theatro das suas proezas e façan-has.

O oceano revolto tremia diante dos nautas, dizia o Gama, e Camões recebeu de boamente esta hy-perbole sublime do velho navegador.

Todos os phenomenos da natureza que, nas pa-ragens tropicaes, attingem proporções grandio-sas, eram o necessario fundo do quadro, em que avultavam os Gamas, Almeidas, Albuquerque, Pachecos, Castros, e

«Outros em quem poder não teve a morte.»

Aos prodigios da natureza correspondia o es-forço magnanimo dos conquistadores.

Assim como o bulcão dos tropicos varre impe-tuoso navios, cidades e florestas, assim tambem os esforçados cavalleiros impelliam para longe as multidões dos inimigos, talavam campinas, quei-mavam cidades, destruiam fortes e armadas, e cruzavam ovantes todos os mares.

Passados annos já o brilho heroico se ia empa-nando com o bafo das torpezas.

O poderio portuguez tremia nos alicerces.

O cavalleiro, velho e alquebrado, victima da sorte, esmolando o negro pão, voltára á patria depois de haver peregrinado por toda a Asia.

Do naufragio do mar salvou o poema; do nau-fragio da patria salvou a gloria della.

Appareceram os *Luziadas*, cupula admiravel do parthenon portuguez; os *Luziadas*, imagem perfeita, fiel, grandiosa do sentir patrio, espelho magico, aonde cada qual se estava revendo, con-substanciação desse ancilar pela gloria e pelos grandes commettimentos, epopéa, emfim, verda-deiramente nacional.

Discutir e analysar os altos merecimentos dos *Luziadas* é trabalho inutil e escusado. O consenso unanime e o respeito universal são sobejas provas.

O nosso intuito foi tão sómente dizer mui bre-vemente a causa da popularidade dos *Luziadas*, que são ao mesmo tempo um monumento poetico e patrio, uma obra de poesia, religião e politica. A similhaça dos Eddas scandinavos e dos Nieblungen germanicos são os *Luziadas*, apesar de Venus e Baccho, Neptuno e Jupiter, Marte e Juno, Proteu e o seu rebanho misturados com a côrte celeste e a Virgem, um poema em que a idéa religiosa se casa e estreita com a idéa patriotica, concitan-do ambas para os grandes feitos.

Os *Luziadas* são uma epopéa biblica, cujos Ma-chabeus foram os guerreiros lusitanos.

Aquella mesma confusão denota quanto Camões era dos seus e do seu tempo, e só os que não sa-bem avaliar os mestres á luz da boa critica se espantarão do que é tão natural.

Teve Homero um Zoilo; Virgilio, Bavio e Me-

vio; todos os soes tem o seu partha, que, fugin-do, lhes deita a frecha da inveja impotente.

José Agostinho de Macedo foi o Zoilo de Ca-mões. Escreveu o *Oriente*. Verdade é que tam-bem escreveu os *Burros* e a *Besta esfolada*. Ou-tros zoilos ladram e ladrarão á memoria de Ca-mões. Pobres rafeiros! Andam hydrophobos de inveja e rancor! É vèzo de mastins o ladrarem á lua, que caminha serena no azul dos céos!

Mas acima de todos estes ladrídos; acima dos criticos myopes, que se arripiam com um verso menos canoro e suave, está a consciencia da hu-manidade, o formidavel tribunal dos seculos, que no mesmo pedestal de gloria collocou ha muito os vates da craveira camoniana.

Esses genios portentosos que são vergonteados do mesmo tronco espaçadas pelos annos, pôdem de-cotal-os á vontade, que sempre a sua rama fron-dente hade dar sombra á humanidade, e... assom-brar os lacanhos e anões.

Como as derradeiras grimpas de granito, que se erguem por sobre as montanhas, não lhes chega lá o bafejar da inveja.

Circunda-os o nevoeiro que dá ao mundo a ap-parencia de uma planicie.

As pequenas desigualdades desapparecem em relação ás alturas, virgens do contacto humano, em que elles poisaram, depois de haverem ascen-dido aos céos.

Os mochos e corujas não passam do campa-nario aldeão; ás vezes perdem-se nos escombros de alguma torre derruída, ou nas penedias de ca-beco chato.

Só ás aguias é dado cruzarem os alcantis, e fi-tarem, sem tremer, nem desvairar, o abysmo que se lhes rasga aos pés.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

## CAMÕES

Solução de uma divida nacional. — Brevissimo resu-mo biographico. — Encarecimentos diversos de es-trangeiros illustres ao nome e poema do immor-tal epico. (Sismondi; Montesquieu; Chateaubriand; Schlegel, e Humboldt).

A nação portugueza, no cabo de quasi tres se-culos, desempenhou-se de uma divida de admi-ração e de reconhecimento, alevantando uma es-tatua ao nosso primeiro epico, ao cantor das nos-sas glorias, a Camões, emfim.

A vida de Camões é bem conhecida, e maior-mente ha sido vulgarisada nestes ultimos tem-pos, desde que principiou a lidar-se na erecção do monumento, que já hoje dá testemunho da nossa gratidão e amor da patria.

Assim, apontaremos apenas as épocas mais sa-lientes da historia do grande homem.

Camões nasceu em Lisboa no anno de 1524. Militou em Ceuta com grande valor, achando-se em diversos recontros; e tomou depois parte em um combate naval, no Estreito de Gibraltar, on-de perdeu o olho direito.

Embarcou para a India em 1553; e, em lá chegando, associou-se á expedição contra o rei de Chambé (ou da Pimenta).

Em 1555 foi na expedição do Mar Roxo, inver-nou em Ormuz, no Golpho Persico; e voltou a Goa em outubro de 1556.

De Goa foi desterrado para as Molucas, e ali, em Malaca, e particularmente em Macáo, se demorou alguns annos, até que obteve licença para voltar a Goa, em tempo de D. Constantino de Bragança. Foi por esta occasião (1561) que lhe succedeu o naufragio na costa de Comboja, junto á foz do rio Mecon, perdendo tudo quanto possuía, mas salvando o precioso manuscripto dos *Lusiadas*.

Conservou-se em Goa desde 1561 a 1569, em que partiu para Portugal; e nesse intervallo, de tão varia fortuna, dedicava-se ao cuidado das suas composições poeticas, quando cessavam as lidas guerreiras, e não podia associar-se ás expedições aventurosas.

Partiu da India, como dissemos, em 1569, e regressou a Portugal, aportando na bahia de Cascaes em Abril de 1570. Vida de privações e miseria viveu Camões desde aquelle ultimo anno até ao dia 10 de Junho de 1580, em que morreu, contando 56 annos de idade.

— Limite-me a este brevissimo resumo, porque o meu intento é offerecer aos leitores uma indicação do que, a respeito de Camões e do seu poema immortal, disseram alguns estrangeiros de grande nomeada. Pareceu-me ser este o modo de apreciar o genio do poeta, e o valor da sua obra monumental, com affoitesa e segurança, como sendo insuspeitos os testemunhos que allego, e de todo ponto desembaraçados das influencias da admiração nacional, que seduzem e arrastam á parcialidade. Quando eu tiver chamado á authoria um certo numero de litteratos e sabios estrangeiros, ficarei habilitado para assentar em solida base o nosso enthusiasmo, e o patriotico impulso que nos levou a erigir uma estatua ao cantor de Vasco da Gama, ao pregoeiro sublime, e em toda a terra ouvido, das glorias de Portugal.

— Simonde de Sismondi, na sua tão bem conceituada obra — *Da litteratura dos povos meridionaes da Europa (De la littérature du midi-de l'Europe)* — engrandece a memoria de Camões, exprimindo com uma concisão eloquente o seguinte pensamento:

= Tão singular é o poder do genio, que um só individuo, a quem o genio coube em sorte, chega a fundar a nomeada de um povo inteiro, e avulta unico aos olhos da posteridade, perante a qual desapparecem milhões de creaturas. =

Este encarecimento acudia á mente de Sismondi, quando principiava a examinar as obras de um poeta, que só de per si, quasi constituia a gloria inteira da nação portugueza, — de um poeta, que ainda quando a nossa litteratura não era bem conhecida dos estranhos, já por toda a parte soava o seu nome, e devidamente apreciados os bellos fructos do seu admiravel genio.

O magnifico elogio, que em termos tão repassados de admiração tecia Sismondi a Camões, faz lembrar o conceito da epygraphe, que tão appropriadamente escolheu D. José Maria de Sousa Botelho, applicando ao nosso immortal poeta os dois muito significativos versos do grande Shakespeare:

*He was a man, take him for all in all  
I shall not look upon his like again.*

E na verdade, difficil será que ainda outra vez

torne a ver-se um homem como o preclarissimo auctor dos *Lusiadas*!

— Os louvores que estrangeiros hão tecido ao poema de Camões, e os elogios de que hão circumdado o seu illustre nome, têm aos meus olhos muito maior valor do que os dos nacionaes.

Assim, acrescentarei ao testemunho de Sismondi, tão pomposamente exprimido, o do sabio auctor do *Espirito das Leis*, Montesquieu. No seu famoso livro encontro esta fina e lisongeira apreciação:

= Os portuguezes, navegando pelo Oceano Atlantico, descobriram a lingua de terra mais meridional da Africa; viram um mar immenso, que os levou até ás Indias Orientaes. Os perigos que elles correram com suas navegações, e o descobrimento de Moçambique, de Melinde e de Calecut foram cantados por Camões: o seu poema faz sentir alguma coisa dos encantos da Odyssea, e da magnificencia da Iliada. =

— O eloquente e imaginoso visconde de Chateaubriand, no prefacio da *Viagem da America*, emprega as mais esplendidas e magestosas expressões, para commemorar os illustres nomes de Vasco da Gama e Luiz de Camões. Desejo que os leitores d'este semanario encontrem aqui o pensamento do brilhante auctor do *Genio do Christianismo*, embora atravez de uma descorada traducção:

= Vasco da Gama, pondo termo a uma navegação de eterna memoria, abordou em 1498 a Calecut na costa de Malabar.

= Tudo muda então no globo; desaba em ruinas o mundo dos antigos. O mar das Indias não é mais um mar interior, uma bacia orlada pelas costas da Asia e da Africa; é um oceano, que por um lado se ajunta ao Atlantico, por outro aos mares da China e a um mar do Oriente mais vasto ainda. Cem reinos civilizados, arabes ou indios, mahometanos ou idolatras, ilhas perfumadas de preciosos aromas... tudo é revelado aos povos do occidente. Surge uma natureza inteiramente nova, descerra-se a cortina que havia milhares de seculos occultava uma parte do mundo; descobre-se a patria do Sol; descortina-se esse discreto e brilhante oriente, — a historia do qual se enlaçava, aos nossos olhos, com as viagens de Pythagoras, com as conquistas de Alexandre, com as recordações das Cruzadas, — perfumes, que nos chegavam atravez das campinas da Arabia e dos mares da Grecia.

= A Europa enviou-lhe um poeta para o saudar, para o cantar e pintar: nobre embaixador, que, pelo genio e pela fortuna, parecia ter uma sympathia secreta pelos destinos dos povos da India! O poeta do Tejo fez ouvir a sua triste e bella voz nas margens do Ganges; pedio-lhes emprestados o seu fulgor, o seu renome e as suas desgraças... e só lhe deixou as suas riquezas... E foi um povo pequenino, encerrado no estreito circulo de montanhas no extremo occidente da Europa, — foi esse pequenino povo quem rasgou o caminho para a parte mais pomposa da morada do homem! =

— Ainda não me dou por satisfeito. Quero que os leitores encontrem aqui a enthusiastica apre-

ciação, que de Camões e dos *Lusiadas* fez um critico allemão, grandemente conhecido na republica das lettras, e aliás não muito facil de contentar. Ouvi o que o sabedor Schlegel escreveu:

= Os *Lusiadas* revelam bem que era Camões um guerreiro, um navegante, um homem dado a aventuras, que aspirava a percorrer o mundo inteiro. Camões quer, antes de tudo, ser verdadeiro, e por isso dá principio ao seu poema heroico de um modo opposto áquelle, por que o Ariosto começára o seu.

= Assim como deliciosos perfumes deleitam o navegante, e o alliviam de longa e enfadonha peregrinação atravez das ondas, annunciando-lhe estar proxima a terra da India; assim tambem um vapor, que embriaga, se exhala daquelle poema, escripto sob um céu do meio dia, cujo fulgor reflecte brilhantemente.

= Não se limita Camões a cantar o Gama, o descobrimento da India, e a dominação dos portuguezes naquelle paiz; o seu poema contém, afóra isso, um quadro completo de tudo quanto a historia antiga da sua nação apresenta de bello, nobre, grande, cavalleiroso, terno.

= Este poema reúne toda a poesia dos portuguezes. De todos os poemas heroicos dos tempos antigos e dos modernos, não ha um só que seja, em tão subido ponto, *nacional*. Nunca, poeta algum desde Homero, foi tão honrado e querido da sua patria, como Camões; por maneira que tudo quanto Portugal (que decahiu da sua gloria depois d'elle) conservou de sentimentos patrioticos, está enlaçado com este poeta; elle, só de per si, dispensa-nos muitos poetas, e nos representa uma litteratura completa.=

— Direis, talvez: Já basta de testemunhos de estrangeiros!...

Mas eu vos assevero que ainda nos falta encarar Camões como um excellente pintor das scenas da natureza, e maiormente dos quadros e phenomenos maritimos. — Venha pois o sabio Humboldt fallar-nos do nosso admiravel epico, apresentando-o sob aquelle aspecto.

Por encurtar escriptura lançarei aqui tres breves §§ do meu humilde opusculo — *Os Lusiadas e o Cosmos* —, nos quaes está compendiado o que em substancia encarece o sabio allemão:

= Debalde aspirará um poeta a descrever com fogo e com fidelidade a Natureza, se a sua vida tiver corrido no meio das cidades, no retiro do gabinete, na monotonia de uma existência sem episodios. Mas, se o poeta tiver feito a guerra nas faldas do monte Atlas, se tiver combattido no Mar Vermelho e no Golpho Persico, se duas vezes tiver dobrado o Cabo da Boa Esperança, se durante seis annos, nas ribeiras do Indo, nas praias da China, tiver prestado um ouvido attento aos phenomenos do Oceano, como de Camões diz Humboldt; se esse poeta tiver o *os magna sonaturum*, e a sensibilidade das almas privilegiadas... Oh! esse... será assaz poderoso para reproduzir em seus versos a magia da Natureza!

= Tal foi Camões; e nem sequer os accentos da sua melancolia, originados do infortunio, nem o entusiasmo da inspiração, nem os esforços da linguagem, roubam a minima particula á verdade dos phenomenos, nem á exacção das suas descrições, antes a arte, segundo finamente observa Humboldt, tornando ainda mais vivas as impres-

sões, augmenta o grandioso e a fidelidade das imagens, como sempre succede a quem recorre a uma nascente pura.

= Quer o poeta nos descreva o remanso da natureza, ou a inquietação furiosa do mar, ou a braveza da tempestade no meio das florestas; ou desenhe a physionomia das terras africanas, ou a configuração da Europa, ou o movimento dos astros; ou nos conte os successos, e perigos, e até as especialidades technicas da vida maritima... sempre a verdade brilha na imaginosa pintura de Camões, sempre a fidelidade sobresahe nos inimitaveis quadros, que o seu pincel magico e encantado offerece á nossa admiração.=

— Reuni agora todos estes multimodos elogios, testemunhos insuspeitos de estrangeiros, a quem não cega o amor da patria, nem podem ser influenciados pelo vehemente espirito de nacionalidade... e disse-me, se não tiveram os portuguezes razão em erguer um monumento ao *Principe dos poetas de Hespanha*, ao nosso primeiro Epico, ao cantor das glorias portuguezas, ao immortal Camões!... Foi tardio, mas foi ainda assim nobre acto, o que ha poucos dias vimos praticar no meio do entusiasmo geral do povo portuguez!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

De um poeta que a morte inexoravel empolgou prematura, Soares de Passos, vamos reproduzir um sentido canto á sombra magestosa de Luiz de Camões. Pagamos assim um tributo de saudade a um vate que admirávamos, e ao mesmo tempo entoamos com elle um hymno á memoria do grande épico, que na vida foi desditoso, mas nas producções sublimes do seu genio immortalisou a gloria da sua patria. Se o vate, que tão magoados queixumes solta na poesia que vae ler-se, vivesse ainda, veria jubiloso que a nação portugueza não mais terá o labéo de ingrata para com o mais illustre dos seus filhos!...

## A CAMÕES

Ai do que a sorte assignalou no berço  
Inspirado cantor, rei da harmonia!  
Ai do que Deus ás gerações envia  
Dizendo: vae, padece, é teu fadario,  
Como um astro brilhante o mundo o admira,  
Mas não vê que essa chamma abrazadora  
Que o cerca d'esplendor, tambem devora  
Seu peito solitario.

Pairar nos céos em alteroso adejo,  
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,  
E vêr passar quaes sombras illusorias  
Essas imagens de fulgor divino:  
— Taes são vossos destinos, ó poetas,  
Almas de fogo que um vil mundo encerra;  
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra  
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:  
Esgotaste a amargura até ás fezes:  
Parece que a fortuna em seus revezes  
Te mediu pelo genio a desventura.  
Combatestes com ella como o cedro  
Que provoca o rancor da tempestade,  
Mas cuja inabalavel magestade  
Lhe resiste segura.

Foste grande na dor como na lyra!  
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?

Um anjo viste de celeste encanto,  
E aos pés cahiste da visão querida...  
Engano! foi um astro passageiro,  
Foi uma flor de perfumado alento  
Que ao longe te sorriu, mas que sedento  
Jámais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito  
Do peito ancioso soffocaste a chamma,  
E foste ao longe procurar a fama,  
Talvez, quem sabe? procurar a morte.  
Mas, qual onda que o naufrago arremessa  
Sobre inhospita praia sem guarida,  
A morte crua te arrojou á vida,  
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto  
Tuas desditas ensinaste ao mundo:  
A terra, os homens, té o mar profundo  
Conspirados achavas em teu damno.  
Ave canora em solidão gemendo,  
Tiveste o genio por algoz ferino:  
Teu alento immortal era divino,  
Perdeste em ser humano.

Indicos valles, solidão do Ganges,  
E tu, ó gruta de Macau, sombria,  
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia  
D'esses hymnos que o tempo não consome.  
Foi lá, foi n'essa rocha solitaria,  
Que o vate desterrado e perseguido,  
Á patria ingrata, que lhe dera o olvido,  
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte.  
«Cantemos!» disse, e recordando glorias,  
Sobre o mesmo theatro das victorias,  
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.  
Os desastres da patria, a sua queda  
Temendo já no meditar profundo,  
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo  
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste  
Se ouve mais triste o derradeiro alento,  
Ensinando o que pôde o sentimento  
Quando um seio que amou d'amores canta,  
No brado heroico da guerreira tuba  
O valor portuguez sôa tremendo,  
E o fero Adamastor com gesto horrendo  
Inda hoje o mundo espanta!

Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!  
Da patria e do cantor findava a sorte:  
Aos dous juraram perdição e morte,  
E os dous juntaram na mansão funerea..  
Ingratos! ao que alçando a voz do genio  
Além dos astros nos erguera um solio,  
Decretaram por louro e capitolio  
O leito da miseria!

Ninguém o pranto lhe enxugou piedoso...  
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:  
«Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!»  
Dizia o triste a mendigar confuso!  
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,  
Vós que sorvestes do infortunio a taça,  
Vinde depôr as c'róas da desgraça  
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...  
O raio ardente que fulmina a rocha,  
Tambem a flor que n'ella desabrocha,  
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:  
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue  
Aos alfanges mouriscos dava o peito,  
De misero hospital n'um pobre leito,  
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera d'esse leito á beira  
Sondar teu grande espirito n'essa hora,

Por saber, quando a magoa nos devora,  
Que dôr pôde conter um peito humano;  
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço  
Sentir a immensidade do tormento,  
Combatendo-te n'alma, como o vento  
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratitude dos homens,  
Naterciã, a gloria, as illusões passadas,  
Entre as sombras da morte, debuxadas  
Em teu pallido rosto já pendido;  
E a patria, oh! e a patria que exaltaras  
N'essas canções d'inspiração profunda,  
Exhalando comtigo moribundo  
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,  
Vendo a porcella que o navio alaga,  
E ouvindo em roda no bramir da vaga  
D'horrenda morte o funeral presagio,  
Aos entes corre que adorou na vida,  
Em seguro baixel os põe a nado,  
E esquecido de si morre abraçado  
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,  
Em cantos immortaes salvando a gloria,  
E entregando-a dos tempos á memoria,  
Como em gigante pedestal segura:  
«Patria querida... morreremos juntos!»  
Murmurou em accento funerario,  
E envolvido da patria no sudario  
Baixou a sepultura.

Quebrando a lousa do feral jazigo,  
Portugal resurgiu, vingando a affronta,  
E ainda hoje ao mundo sua gloria aponta  
Dos cantos de Camões no eterno brado:  
Mas do vate immortal as frias cinzas  
Esquecidas deixou na sepultura,  
E o estrangeiro que passa em vão procura  
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira  
Recorda o gran cantor... porém calemos!  
Silencio! do immortal não profanemos  
Com tributos mortaes a alta memoria.  
Camões, grande Camões, foste poeta!  
Eu sei que a tua sombra nos perdôa:  
Que valem mausoléos ante a corôa  
De tua eterna gloria?

#### O GENIO POETICO DE CAMÕES REVELADO NAS PRODUCCÕES ESTRANHAS AOS «LUSIADAS»

Nos dois precedentes artigos fallámos sómente dos *Lusiadas*; mas, para completarmos o quadro do genio poetico de Camões, necessitamos de mencionar as suas producções lyricas.

Desta ultima especialidade principiaremos hoje a occupar-nos.

Para mais seguramente encaminharmos os leitores, nas apreciações que vamos apresentar-lhes, tomaremos como guias, ou antes como contrastes, dois criticos authorisados, um estrangeiro, e um nacional, Sismondi, e o douto bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. Indicaremos o julgamento de ambos; mas nem por isso renunciaremos á liberdade que nos assiste de exprimir o nosso proprio sentimento. — Lástima é que a estreiteza dos limites que nos são prescriptos nos obrigue a ser muito resumido.

—Principiaremos, como é de razão, por dizer alguma cousa a respeito dos *Sonetos* que o nosso immortal poeta compoz.

Sismondi, dotado de fino gosto e de apurado bom juizo, diz que os sonetos amerosos de Ca-

mões são recheados de affectação nas idéas, de antitheses e de *concetti*, como os sonetos italianos; ao passo que os outros são repassados de sensibilidade, e têm o cunho da agitação da vida do poeta, das suas vicissitudes, dos seus magoados desenganos.

O bispo de Vizeu, critico judicioso que não poupa a severidade — quando a cre bem cabida, opina que não chegam a trinta os sonetos de Camões, que, entre todos, se avisinham da perfeição. No entretanto, concede que nos demais sonetos ha ainda que louvar, ou seja pelo pensamento, ou pelos affectos, ou pela expressão e melodia, — reconhecendo nelles a revelação do grande talento do poeta. — Conta nos trinta sonetos, entre os do genero erotico, os que têm os numeros 14, 24, 30, 34, 35, 40, 41, 53, 70, 78, 81, 84, 147, 185 e 186; e de outro genero, os que têm os numeros 6, 59, 88, 96, 100, 108, 173, 228, 237, 238, 239, 254; notando, porém, que tinha alguma duvida sobre a authenticidade dos sonetos 237, 238, e 239.

Entre os sonetos que o bispo de Vizeu prefere, está o que tem o numero 100. Tambem este soneto impressionou vivamente Sismondi, a ponto de declarar que ao ler a encantada poesia, se lhe affigurava ouvir gemidos na escuridão da noute; não sabia donde partiam, nem quaes desgraças os excitavam, — era, porém, certo que a dor os occasionava, e tambem a elle vinham trazer a dor...

Ouçamos esses magicos accentos, essas magoadas endechas, e vejamos se tambem nos commovem, como abalaram o critico estrangeiro:

No mundo poucos annos e cansados  
Vivi, cheios de vil miseria e dura:  
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,  
Que não vi cinco lustros acabados.  
Corri terras e mares apartados,  
Buscando á vida algum remedio ou cura:  
Mas aquillo que, emfim, não dá ventura  
Não o dão os trabalhos arriscados.  
Criou-me Portugal na verde e chara  
Patria minha Alemquer; mas ar corruto,  
Que neste meu terreno vaso tinha;  
Me fez manjar de peixes em ti, bruto  
Mar, que bates a Abássia fera e avara,  
Tão longe da ditosa patria minha.

Este soneto refere-se, no conceito de Faria e Sousa, ao soldado Ruy Dias, natural de Alemquer, que Affonso de Albuquerque mandou enforcar, pelo facto de o encontrar com a escrava.

O bispo de Vizeu diz, a proposito deste soneto: = O epitaphio do soldado de Alemquer, que cerra a primeira centuria, tem tres versos ou quatro, que jamais posso ler sem vehemente commoção de saudade. =

Sismondi traduz, e transcreve no original outro soneto, que o entenece não menos do que o precedente; e com quanto não seja do numero dos preferidos pelo bispo de Vizeu, declaro que me associo ao critico estrangeiro em o ter na conta de mui bello. Folgarei de que tambem aos leitores faça a mesma impressão; é o seguinte:

Que me quereis perpetuas saudades?  
Com qu'esperanças inda me enganais?  
O tempo, que se vai, não torna mais,  
E se torna, não tornão as idades.  
Razão he já, ó annos, que vos vades,  
Porque estes tão ligeiros que passais,  
Nem todos para um gosto sois iguais,  
Nem sempre são conforme as vontades.

Aquillo a que já quiz he tão mudado,  
Que quasi he outra cousa; por que os dias  
Tem o primeiro gosto já damnado.  
Esperanças de novas alegrias,  
Não mais deixa a Fortuna e o tempo irado,  
Que do contentamento são espias.

Tambem o critico francez traduziu, e transcreveu no original o soneto 92, declarando que lhe agradava muito, porque exprimia com grande vivacidade a desgraça que, sem treguas e enfurecida, acossava um grande homem:

Que poderei do mundo já querer,  
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,  
Não vi senão desgosto e desfavor,  
E morte, em fim: que mais não pôde ser?

Na vida desamor somente vi,  
Na morte a grande dor que me ficou:  
Parece que para isto só nasci.

— Um critico portuguez moderno, Costa e Silva, conforma-se com o modo de sentir de Sismondi e do bispo de Vizeu, em quanto diz que muitos sonetos de Camões são obras primas no seu genero. Distingue como admiraveis o soneto:

Que me quereis perpetuas saudades?

e o que assim começa:

Que poderei do mundo já querer?

dizendo que o primeiro respira a mais profunda melancolia, e o segundo parece um grito de desesperação contra a desventura que se obstinava em perseguir o poeta.

Reconhece, com os dois citados criticos, que os sonetos eroticos de Camões são os que mais adoecem do achaque dos *conceitos* e da affectação de Petrarchismo; mas opina ao mesmo tempo que alguns daquelles merecem muitos gabos.

— Não podendo eu dispor de grande espaço, limito-me a prevenir os leitores, de que ainda nos sonetos não preferidos por Sismondi se encontram muitos verdadeiramente bellos. Sirva de exemplo o seguinte:

Está o lascivo e doce passarinho  
Com o biquinho as pennas ordenando;  
O verso sem medida, alegre e brando,  
Despedindo no rustico raminho.  
O cruel caçador, que do caminho  
Se vem callado e manso desviando,  
Com prompta vista a setta endireitando,  
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.  
Desta arte o coração que livre andava,  
(Posto que já de longe destinado)  
Onde menos temia, foi ferido.  
Por que o frecheiro cego me esperava,  
Para que me tomasse descuidado,  
Em vossos claros olhos escondido.

Poesia imaginosa, viveza de pintura, delicadeza e graça de colorido.... eis o que admiramos nesta notavel producção do vivo empenho do nosso poeta.

Oh! se eu escutasse a minha admiração, reproduziria um avultado numero de sonetos de Camões; mas tenho ainda que dizer alguma coisa a respeito da sua restante poesia lyrica, e é força terminar por hoje a especialidade, de que me tenho occupado.

No artigo immediato direi duas palavras acerca das *Canções* e das *Odes*.

## OS LUSIADAS

**Resumo substancial das suas bellezas e defeitos, nos olhos de graves criticos nacionaes**

Quando Sismondi conclue o exame dos *Lusiadas*, exprime-se deste modo:

= Longos tempo nos detivemos na contemplação da obra prima da poesia portugueza. Os *Lusiadas* são uma obra de uma concepção tão nova, tão grandiosa, e tão nacional, que parecia ser de importancia fazer conhecer, não só alguns dos seus episodios já celebres, mas tambem o plano, o todo e o fim do auctor. Além de que, compraziamos-nos em vêr reunidos naquelle poema todos os titulos de gloria de uma nação pouco conhecida; e lá encontravamos tambem, de um certo modo, o complemento da poesia hespanhola, e a epopéa que faltava áquella Litteratura. =

Não é possivel compendiar em mais resumido e eloquente quadro a expressão do valor, excellencias e alcance do immortal poema de Camões.

Vejamos, porem, agora quaes são as bellezas e os defeitos do poema, no conceito de graves criticos nacionaes; e será esse um estudo muito instructivo.

— O academico *Antonio das Neves Pereira* começa por apontar os defeitos do poema, e encarece depois a *poesia de estylo* do mesmo poema, e as grandes bellezas de linguagem.

*Censura*: ficção absurda; falsa *admirabilidade*; muitas inverosimilhanças; pouca connexão das partes do poema.

*Louvor*: admiravel artificio de estylo; expressão de imaginação viva, forte, florida, fecunda.

Camões nada deveu ao Tasso, pois que os *Lusiadas* foram publicados antes da *Jerusalem Libertada*. A *Italia Liberata* de Trissino, regular no plano, é destituida de poesia de estylo. Os poetas francezes ainda no fim do reinado de Luiz XIII não tinham embocado com felicidade a trombeta épica.

De todos os escriptores, nenhum ha, a quem a lingua portugueza seja mais devedora, do que a Camões. Nos *Lusiadas* não só se encontram todas as riquezas da nossa lingua, mas até se descobrem os meios de as podermos multiplicar.

— No conceito de *Francisco Dias Gomes*, creou Camões uma poesia e uma lingoagem novas em Portugal. — Pintou com a maior propriedade o sublime; foi o mais insigne mestre no *pathetico*; traçou com uma grande forcea o *terrivel*; desenhou com admiravel amabilidade as *graças da natureza*; reprehende com heroica resolução, fere, fulmina os *vicios*; desenha com lindas cores as *virtudes*.

Camões estabeleceu de todo a *analogia* no idioma portuguez; enriqueceu-o de vozes e formulas infinitas; tornou-o capaz para todos os assumptos, e flexivel para todos os estylos; deu-lhe magestade, harmonia, perspicuidade e atticismo.

— O erudito e elegante bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, encontra nos *Lusiadas* motivos de censura em alguns pontos, e de louvor a certos respeitoes.

*Censura*: Pecou Camões na conformação das partes do seu poema; na impropriedade ou ociosidade de alguns episodios, e mais ainda na qualidade e emprego do maravilhoso. — Os *Lusiadas* ficam muito distantes da *Iliada*, na riqueza inex-

haurivel; não chegam á igualdade e perfeição da *Eneida*; ficam áquem do poema de Tasso na regularidade do todo e na copia das ficções; e tem mais imperfeições do que a *Henriada*.

*Louvor*: Nos *Lusiadas* acertou Camões na escolha da acção, e tem eminencia no estylo. — Mostra o poema uma ousadia, que pretende arremedar a de Homero; tem, em alguns casos, mais originalidade que a *Eneida*; está acima do poema do Tasso no puro gosto do estylo; não tem tantas extravagancias, como as do poema de Milton; é incomparavelmente superior á *Henriada* de Voltaire no ar magestoso e venerando, nos traços de formosura antiga, no cunho classico — em que os *Lusiadas* excedem a propria *Jerusalem Liberata*.

— Um critico mais moderno, *Costa e Silva*, encontrou tambem nos *Lusiadas* motivos de louvor, muitos, — e alguns de censura. — Resumiremos substancialmente o que elle apontou, em um e outro sentido.

*Censura*: Camões pinta melhor os quadros maritimos do que os terrestres.

A *Ilha dos Amores*, perfeitissima em si, deixa muito a desejar como episodio do poema.

Camões devêra ter tirado muito maior partido do Islamismo, das ceremonias da religião bramínica, e dos costumes orientaes.

Ha inverosimilhança em que as façanhas dos heroes portuguezes sejam pintadas nas bandeiras; pois que nestas sómente é uso pintar as armas dos principes e das nações.

Houve descuido em Camões, quando, ao contar ao rei mahometano de Melinde a historia de Portugal, applica aos Mouros os epithetos de *nefandos, barbaros, torpes, cães, perros*. (Bem pouco verosimil é, por outro lado, que o rei de Melinde podesse entender a sabia descripção da Europa, e outros pontos da narração de Vasco da Gama.)

*Louvor*: Com summa habilidade fundio Camões a sua muita erudição na poesia, sem cair na pesadez, nem na *pedanteria*.

Brilha nas sentenças e moralidades, cheias de bom senso, e reveladoras de um grande conhecimento do mundo, de um espirito eminentemente philosophico.

As suas digressões são patheticas, e interessam quando o poeta falla de si; são energicas e vehementes, quando o patriotismo o incita a invectivar contra a corrupção dos costumes.

Em geral, em todo o poema a elegancia do estylo, a viveza das imagens, a força da expressão, a facilidade e harmonia do metro, estão a par da elevação das idéas.

Comparações lindissimas; episodios interessantes; pinturas das bellezas e phenomenos da natureza; descripções de batalhas e tempestades tanto terrestres, como maritimas... adornam, do modo mais gracioso e vivo, o poema immortal.

— Não podendo fazer um trabalho brilhante, quizemos ao menos apresentar aos leitores um trabalho util. Com este roteiro na mão, e á hora em que lerem os *Lusiadas*, poderão mais facilmente saborear as bellezas do poema, e tomar nota dos descuidos ou defeitos que a critica imparcial e sisuda tem apontado.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.